

Os interdiscursos de Saussure: William Whitney e a fundação da ciência da linguagem

Saussure's Interdiscourses: William Whitney and the Foundation of Language Science

Daiany Bonácio

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
| Londrina | PR | BR
daiany@uel.br
<https://orcid.org/0000-0001-8125-8975>

Resumo: O estudo da língua do século XIX teve que enfrentar um grande desafio: definir-se como ciência em uma época em que havia uma forte tendência em associar o termo “ciência” para indicar apenas as disciplinas como a biologia, a química e a física. Era imperioso retirar os estudos da linguagem das ciências naturais e constituir uma ciência linguística autônoma ligada às ciências humanas. Estudando esse período por meio de uma pesquisa bibliográfica, encontramos um personagem central nessa mudança de rumo: o norte-americano William D. Whitney, que se empenhou consideravelmente para combater essas tendências e retirar o campo da linguística das áreas como a biologia e a botânica. Diante do cenário descrito, o objetivo deste artigo é analisar as contribuições de Whitney para a fundação da ciência linguística e para as ideias amplamente conhecidas de Ferdinand de Saussure. O que motivou essa pesquisa de revisão bibliográfica foi que, ao estudar a vida e obra de Whitney, observamos que ele antecipou muitos conceitos que encontramos no *Curso de Linguística Geral*, atribuídos a Ferdinand de Saussure. Buscamos compreender essas influências diretas de Whitney na obra do professor genebrino realizando um estudo histórico-comparativo. Como resultado, conhecemos um pouco sobre como as afirmações que mudaram o percurso da ciência linguística nos séculos XIX e XX passaram, antes, pelo trabalho do professor norte-americano. A partir das pesquisas de Whitney, os estudos da linguagem tomaram outra direção: saíram do campo dos fatos naturais para se inscreverem nos fatos históricos e sociais e encontrarem a definição de língua como um sistema.



Palavras-chave: história da linguística; Saussure; Whitney; ciência linguística.

Abstract: The study of language in the 19th century faced a great challenge: defining itself as a science at a time when there was a strong tendency to associate the term “science” only to biology, chemistry, and physics. It was imperative to remove language studies from the natural sciences and constitute an autonomous linguistic science in the humanities. Studying this period through a bibliographical research, we find a central character in this change of course: the North American William D. Whitney, who made a considerable effort to combat the tendencies of affiliating language studies to natural sciences and establish Linguistics as a field of knowledge on its own. Given the scenario described, the aim of this article is to analyze Whitney’s contributions to the foundation of linguistic science and to the widely known ideas of Ferdinand de Saussure. When studying the life and work of Whitney, we observed that he anticipated many concepts we find in *Course of General Linguistics*, attributed to Ferdinand de Saussure. Our primary motivation was then to understand these direct influences of Whitney on the Genevan professor’s work by carrying out a historical-comparative study. As a result, we know a little about how the statements that changed the course of linguistic science in the 19th and 20th centuries first passed through the work of the North American professor. Because of Whitney’s research, language studies changed direction: they left the field of natural facts to inscribe themselves in historical and social facts and find the definition of language as a system.

Keywords: history of linguistics; Saussure; Whitney; linguistic science.

1 Introdução

O estudo da língua do século XIX no contexto ocidental teve que enfrentar um grande desafio: definir-se como ciência em uma época conturbada em que a definição da própria ciência também buscava suas bases. O desenvolvimento da linguística moderna enquanto campo científico enfrentou os mesmos problemas que as ciências humanas também enfrentaram:

havia, na segunda metade do século XIX, uma forte tendência a associar o termo “ciência” para indicar apenas as disciplinas como a biologia, a química e a física. Segundo Alter (2005), as ciências naturais ameaçavam não incluir a sociedade – e isso incluía o estudo da fala – em suas pesquisas e considerar os fenômenos linguísticos como elementos puramente físicos e biológicos. Para alguns estudiosos, era imperante retirar o estudo da linguagem das ciências naturais e constituir uma ciência linguística autônoma. Estudando esse período, encontramos um personagem central nessa mudança de rumo: o norte-americano William D. Whitney (1827-1894). Whitney se empenhou consideravelmente para combater essas tendências e retirar o campo da linguística das áreas como a biologia e a botânica. Além disso, o referido autor buscava também contestar a inclinação de associar o termo “ciência” aos estudos físicos apenas, em que a prática científica era associada aos ramos materialistas do conhecimento e baseada exclusivamente em leis naturais. Diante do cenário descrito, o objetivo deste artigo é analisar as contribuições de William Whitney para a fundação da ciência linguística e para as ideias amplamente conhecidas de Ferdinand de Saussure.

O que motivou essa pesquisa de revisão bibliográfica foi que, ao estudar um pouco da vida e obra de Whitney, observamos que ele antecipou muitos conceitos que encontramos no *Curso de Linguística Geral*, doravante CLG, atribuídos a Ferdinand de Saussure (2006). Buscamos compreender essas influências diretas de Whitney na obra do professor genebrino realizando um estudo histórico-comparativo. As ideias de Saussure são conhecidas mundialmente; ele tem sido considerado o pai da linguística moderna desde o início do século XX. O que poucos sabem é que as teorias do mestre genebrino, em sua maioria, estão baseadas em Whitney¹. Nesse artigo, conheceremos um pouco sobre como as afirmações que mudaram o rumo da ciência linguística nos séculos XIX e XX passaram, antes, pelo trabalho do professor norte-americano. A partir das pesquisas de Whitney, os estudos da linguagem tomaram outra direção: saíram do campo dos fatos naturais para se inscreverem nos fatos históricos e sociais e encontrarem a definição de língua como um sistema.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, objetivamos conhecer as condições de produção que permitiram a fundação da ciência linguística: os atores sociais envolvidos, as ideias a serem combatidas, as ideias a serem defendidas. Estamos diante de discursos e ideologias diferentes, porém que têm o mesmo objetivo: construir uma ciência linguística. Compreender tais condições de produção é conhecer que Whitney fez parte da fundação da ciência linguística e que foi uma influência muito direta e constante nos trabalhos de Saussure. O fato é que ele pouco aparece na história oficial que narra esses acontecimentos.

Ao pesquisar os fatos a fundo, percebemos que é necessário questionar a obviedade que lemos nos manuais de linguística: Saussure é o pai da linguística moderna, o criador do estruturalismo. Os sentidos não são tão evidentes como a história oficial conta. Não podemos desmerecer o mérito de Saussure. Contudo, pouco é falado que Whitney promoveu uma visão social da linguagem que realmente revolucionou o que se falava sobre o assunto. Os estudos desse professor foram capazes de transformar a forma de conceber a língua, suas práticas de análise e os conceitos envolvidos. Nesse sentido, este artigo almeja compreender como Whitney inspirou temas fundamentais para a ciência linguística moderna represen-

¹ É importante salientar que autores como Émile Durkheim e Hermann Paul também exerceram influência no pensamento de Saussure. Tais autores não serão explorados, uma vez que o objetivo deste estudo é abordar as influências exercidas por William D. Whitney na obra saussuriana.

tada na figura de Saussure. Esse trabalho é importante uma vez que, a história da fundação da ciência linguística que se constitui ao longo das últimas décadas não deu a Whitney o seu devido valor na formação e consolidação dos estudos linguísticos. Ao ser pouco mencionado, o trabalho do referido autor é apagado e passa despercebido nessa historicidade. Whitney é o responsável por trazer a dimensão social para os estudos da linguagem, promovendo uma mudança epistemológica significativa para a constituição da linguística moderna. Severo e Görski (2019, p. 01), acerca disso, pontuam que:

A revisitação a trabalhos de Whitney é um passo importante para, por um lado, relativizar discursos genealógicos da linguística que apagam ou minimizam suas contribuições e, por outro, evidenciar a maneira como suas ideias dialogam com demandas e questões linguísticas contemporâneas.

Severo e Görski (2019, p. 02) ainda revelam que as produções de Whitney: “superam mais de quatrocentos trabalhos, entre traduções, resenhas, notas, ensaios, relatórios, obituários, escritos técnicos, pedagógicos e teóricos (Lanman, 1897; Long, 1929)”. Contudo, são pouco conhecidos no cenário brasileiro dos estudos da linguagem, que raramente mencionam o norte-americano como um dos fundadores da ciência linguística.

Sobre a necessidade de se explorar as ideias de Whitney no panorama brasileiro, encontramos uma crescente produção de trabalhos acadêmicos realizados nas últimas décadas, os quais buscam suprir essa lacuna. É o caso do artigo de Ferreira (2023) que, ao realizar uma análise detalhada do livro *The life and growth of language*, demonstra a importância do pensamento do professor norte-americano para a constituição da ciência linguística. Ferreira (2023, p. 2) assevera que o referido livro “se destaca como uma proposta de ‘esboço da ciência da linguagem’, onde o autor aponta bases epistemológicas e agendas de pesquisa para a linguística moderna”. Podemos mencionar ainda a tese de Milani (2000), que também analisa a obra *The life and growth of language* e a influência desse livro para o desenvolvimento dos estudos linguísticos modernos, corroborando com a afirmação de que Whitney fez um grande esforço para tirar os estudos da linguagem de áreas como a botânica, para realocá-los dentro de uma perspectiva histórica e social.

É fundamental reconhecer a importância do pensamento de Whitney e divulgar o que ele fez pela ciência linguística. Nesse sentido, propomos pensar a relação Whitney-Saussure, uma vez que esses personagens fizeram deslizar os discursos, os sentidos, enfim, mudaram o rumo acerca dos estudos da língua. E isso se mistura e se confunde com a fundação das ciências humanas.

2 O contexto histórico em que viveu William W. Whitney

O momento histórico a ser tratado neste item marca a passagem do pensamento clássico/racionalista sobre a linguagem até o início da era moderna. William Whitney viveu em um cenário conturbado constituído pela necessidade de estabelecer a ciência da língua longe dos estudos naturalistas e darwinistas que figuravam na época. Ademais, ainda havia a necessidade de estabelecer as ciências humanas. Para Foucault (2007), a definição da ciência linguística se emaranhou com a definição das ciências humanas, uma vez que ambas buscavam sua autonomia das ciências naturais. O professor norte-americano viveu em um momento mar-

cado pelo enfraquecimento das ciências naturais que dominavam o modo de explicar muitas coisas. Ele testemunhou a grande renovação que aconteceu no decorrer do século XVIII e durou até o início do século XIX.

Até meados do século XVIII, vivíamos a era clássica e tínhamos um saber consolidado: o homem era visto como um elemento natural como tantos outros que a natureza possuía e era classificado segundo leis naturais, explica Foucault (2007). Os seres vivos, incluindo o homem, pertenciam a uma grande ordem natural; havia uma hierarquização dos seres que ia do mais simples ao mais complexo, num contínuo. Nesse sentido, os discursos científicos da época se preocupavam em construir uma grande ordem natural, uma ciência geral da natureza. A tarefa dos estudiosos era classificar, interligar os seres vivos, a partir de suas características.

O enfraquecimento desses estudos possibilitou o aparecimento de uma renovação que consistia em desfazer essa dependência à hierarquização e classificação dos seres vivos. Sobre isso, Foucault (2007) analisa que é um momento de romper com a antiga continuidade clássica entre o ser e a natureza. Para o autor, estamos falando de um lugar para o homem no mundo. A espacialização do homem entre os séculos XVIII e XIX começou a tomar novos rumos, uma vez que na época clássica, o indivíduo era mais um ser vivo, que deveria ser classificado e explicado de acordo com leis naturais. Conforme ensina Foucault (2007), a partir de Cuvier, o qual trouxe o que mais tarde seria o futuro da biologia, o homem rompeu com esse plano das continuidades que estava inserido para se realocar em um novo espaço. A ciência dos seres vivos encontra-se abalada e em fase de renovação. O que possibilitou essa renovação foi o aparecimento da historicidade. O homem percebeu que tinha direito a uma história. Para Foucault (2007), a história aparece não como uma sucessão dos fatos, mas um modo de ser fundamental, em que a vida se volta para a história e se delinea a partir dela. Atrelar a vida humana à história não ocorre de modo sucessivo e contínuo, pelo contrário, é descontínuo, já que os sujeitos vivem, muitas vezes, em temporalidades diferentes.

A constituição da historicidade na ordem da língua apareceu com o alemão Franz Bopp e com a gramática comparada. Foucault (2007, p. 386) lembra que olhar para a estrutura linguística fornecerá “[...] soluções totalmente novas sobre a genealogia das línguas [...]”. Antes disso, a língua e os seres vivos foram colocados no mesmo patamar: tudo era tratado como elemento natural. A partir dessa renovação, homem e língua foram retirados desses discursos da natureza e realocados sob a égide dos discursos históricos e sociais. Nesse sentido, as línguas “[...] só existiam pelo valor representativo que detinham, bem como pelo poder de análise, de reduplicação, de composição e de ordenação que se lhes reconhecia em relação às coisas representadas” (Foucault, 2007, p. 386). Com Bopp, a língua perdeu a característica de ser essencialmente representativa: além de representar, ela ainda permitia mostrar as relações de parentesco com as outras línguas. A pesquisa de Bopp, nesse sentido, foi muito importante, porque fez aparecer um olhar para a estrutura linguística, vista como uma organização, com elementos que possuíam funções gramaticais. Foucault (2007) esclarece que a língua só pode representar o pensamento se antes disso, ela estiver organizada, com leis próprias e estruturada². A partir dos estudos filológicos do final século XVIII e início do século

² É importante lembrar que, saber como uma língua pode caracterizar-se internamente e distinguir-se das outras não é uma preocupação nova. Na época clássica, definia-se a individualidade de uma língua em relação à outra, a partir de critérios que diziam respeito a como elas podiam representar suas relações internas. Nesse sentido, a língua era concebida sob o ponto de vista de como os elementos se reuniam para funcionar como representação.

XIX, a linguagem pôde se desprender de suas funções meramente representativas e conquistar novas funções. Estamos diante de uma nova filologia: o fazer científico na linguagem está voltado para observar os critérios de organização interior, abandonando as classificações hierárquicas que o século XVIII praticava.

A narração desse contexto histórico nos permite vislumbrar as novas discursividades que são formadas para a linguagem; estamos diante de novas definições, novas formas de conceituá-la. Estudiosos como Grimm, Bopp e Schlegel³ fazem parte da nova era, uma vez que movem essas discursividades sobre os fatos linguísticos, que passam a contar com a constituição dos estudos filológicos.

O trabalho da filologia, ao analisar as raízes das palavras, possibilitou que se vislumbrasse o sistema de parentesco entre as línguas e a percepção de que dois sistemas poderiam ser comparáveis. Ademais, olhar a estrutura e a origem das línguas ajudou a perceber como elas eram descontínuas, obedecendo a histórias distintas. Segundo Foucault (2007), para que a linguagem fosse vista como um elemento pertencente às ciências humanas, isto é, com historicidade, foi preciso parar de concebê-la apenas como uma sucessão dos fatos, como continuidade. Um outro ganho que merece ser citado diz respeito à mudança de concepção da linguagem: a língua carregava consigo a representação, a atividade e a ação. Nesse sentido, a língua ganhou um valor expressivo, manifestando as ações e vontades daqueles que a falavam. Esse reconhecimento da função expressiva da linguagem, que exprime ações e vontades de um povo fará Whitney, mais tarde, afirmar que ela era uma instituição social. Saussure também afirmou isso no CLG, como se sabe. De rede representativa, diz Foucault (2007), a língua passa a ser vista como um elemento que identifica um povo, um cultura.

A língua sofreu um deslocamento: foi dissociada dessa grande continuidade cronológica que fazia com que a sua origem se constituísse sem rupturas, para ser vista como histórica e ligada ao indivíduo. Para Foucault (2007), não só a língua sofreu um deslocamento, o homem também foi destacado dessa continuidade natural. É nesse sentido que o referido autor defende que a história das ciências humanas e da ciência da linguagem se confundem, porque ambas sofreram esse momento de despertencimento: não mais pertencer a esse contínuo dos seres vivos da época clássica. Além disso, apregoa o filósofo, a língua teve de ser dissociada da ideia de representação a qual estava presa. Como consequência, constituiu-se uma dupla ruptura para a língua: deixou de ser vista de uma forma contínua/linear e como um simples elemento de representação. Ao se realizar essa dupla ruptura, foi possível vislumbrar a heterogeneidade dos sistemas gramaticais; viu-se as diferentes leis que os regiam, suas diferentes formas de organização. Só quando se rompeu com essa história contínua/cronológica das espécies, e aqui se incluía o homem e a língua, é que foi possível esse novo olhar para a sistematicidade da linguagem.

Chegamos ao fim da era clássica sobre a linguagem: as explicações centradas na representação dão lugar ao conhecimento de suas leis próprias; como analisa Foucault (2007), a linguagem se dobra sobre si mesma. A concepção moderna, ao trazer um olhar estrutural e um olhar histórico sobre as línguas, permitiu que se visse nela o lugar das tradições, dos hábi-

³ Foucault (2007) nos conta que essa positividade se formou a partir da constituição da filologia no início do século XIX, época em que os livros de Schlegel (1808), Grimm (1818) e Bopp (1816) foram publicados: “Como se formou essa positividade filológica? Quatro segmentos teóricos nos assinalam sua constituição no começo do século XIX – na época do *Ensaio sobre a língua e a filosofia dos indianos de Schlegel* (1808), da *Deutsche Grammatik* de Grimm (1818) e do livro de Bopp sobre o *Sistema de conjugação do sânscrito* (1816). Foucault, 2007, p. 389)”

tos e da memória de um povo. Ao ser dissociada dessa visão clássica que pregava a continuidade dos seres vivos, a língua não conseguiu achar seu lugar prontamente; era preciso, antes disso, libertar-se dessa visão naturalista e representativa.

Foucault (2007) revela que, no começo do século XIX, estando a linguagem destacada da concepção de representação, ela encontra-se fragmentada, destituída de seu lugar seguro da era clássica e, até chegar à objetividade filológica, a linguagem “sofreu” muito. É aqui que entra o personagem central deste artigo: William Whitney. Whitney juntamente com outras personagens como Michel de Bréal, Gaston Paris, Victor Henry, e até mesmo Ferdinand de Saussure, foram os sujeitos que libertaram a língua de sua visão naturalista para incluí-la no campo das ciências humanas. Estamos diante de sujeitos que agiram para a mudança de direção dos estudos da linguagem. Tais ações não ocorreram de forma tranquila: travaram-se disputas teóricas para ver em qual campo científico se colocaria os estudos linguísticos durante os séculos XVIII e XIX. Foucault (2007) ressalta que homem e língua se entrelaçam, porque ambos estão à procura de seu lugar, uma vez que foram dissociados das ciências naturais defendida desde a época clássica. Koerner (2014), acerca desse assunto, revela que coube a autores como Whitney (América), Michel de Bréal (França), Hermann Paul (Alemanha) e Jan Baudouin de Courtenay (Rússia) reagir de forma contrária à perspectiva naturalista defendida por August Schleicher e Max Müller. Koerner (2014, p. 123) demonstra que Whitney discordava da analogia evolucionista que se aplicava à linguagem durante o século XIX e da ideia de que a linguística “[...] deveria ser pensada como uma ciência e que seria necessário que a língua fosse tratada como um organismo vivo, devendo a linguística, por conseguinte, ser enquadrada entre as ciências naturais e não entre as sociais”. Os estudos naturalistas projetaram uma ciência linguística pautada nas classificações e nas hierarquias à maneira de Comte, buscando alinhar todos os saberes modernos a partir das matemáticas. Essa positividade dos saberes, de seu modo de ser, trazia um ponto de vista único:

[...] alinhar todos os saberes modernos a partir das matemáticas é submeter ao ponto de vista único da objetividade do conhecimento a questão da positividade dos saberes, de seu modo de ser, de seu enraizamento nessas condições de possibilidade que lhes dá, na história, a um tempo, seu objeto e sua forma (Foucault, 2007, p. 478-479).

Embora tivessem tudo o que era necessário para se ter uma ciência da língua, os estudos naturalistas não seguiram adiante, porque defendiam uma visão positivista, representando a matematização e objetivação dos fatos da linguagem. Era justamente isso que as ciências humanas e da linguagem negavam: a necessidade da des-matematização fez com que o naturalismo fosse negado. Nesse sentido, foi preciso cortar o cordão umbilical com o positivismo de Comte para se constituir as ciências humanas e, conseqüentemente, pensar em uma ciência da língua.

Na tentativa de construir uma positividade para a ciência da linguagem, os naturalistas transferiram as metáforas da biologia e do darwinismo para o campo linguístico. O que os naturalistas não percebiam é que o foco, revela Foucault (2007), não era mais ver como se formava a fisiologia humana, por exemplo. O olhar passou a ser direcionado para enxergar onde o indivíduo trabalhava, produzia e consumia e como isso se dava na representação de uma sociedade, como ela se repartia e se relacionava, ritualizava as festas, as crenças que cons-

truíam e que faziam os indivíduos se apegarem, elegerem como suas. A partir disso, o autor explica que o domínio das ciências humanas é coberto por três regiões epistemológicas: a vida, o trabalho e a linguagem. Na linguagem, as leis e as formas da língua organizavam o modo como homem falava e se constituía socialmente. Como consequência, não fazia mais sentido criar uma ciência da linguagem pautada nas práticas discursivas (Foucault, 2008) botânicas.

Os naturalistas tinham tudo para se criar uma ciência da língua: um método, um objeto, uma teoria. No entanto, não percebiam que tanto o homem como a linguagem seguiam um conjunto de regras socialmente estabelecidas, repleto de rituais, hábitos, discursos que construía rastros sistemáticos. Em outras palavras, as condutas humanas edificavam um conjunto coerente de signos, um sistema de signos sociais. Tal sistema não se aplicava somente aos assuntos da linguagem; esses conceitos serviam para as ciências humanas e tudo o que estava relacionado a ela. É por esse motivo que o estruturalismo saussuriano será tão útil para as outras ciências a partir de 1930: pensar os sistemas, esse modelo estrutural será essencial para que outras ciências também pudessem se constituir, como a antropologia, a sociologia, a psicologia, dentre outras. Em decorrência disso, a linguagem, a economia e a vida trabalharam em conjunto para constituir as ciências humanas: não importava a natureza da análise, se era da economia, da vida ou da linguagem; o importante era ter um critério formal e estrutural para se aplicar, isto é, um modelo de análise.

As noções de sistema e de estrutura foram muito impactantes para a modernidade, fazendo o homem perceber que as coisas se organizavam a partir das referidas noções. Ademais, foi possível perceber também que, embora a economia, a vida e a linguagem estivessem interligadas, elas não obedeciam ao mesmo sistema, à ideia de plano contínuo, de acontecimentos ininterruptos, como se seguissem a mesma história. Cada coisa tinha sua história própria. Para Foucault (2007), houve uma fragmentação do espaço que se estendia continuamente, e o saber clássico que vivia nesse contínuo se desfaz e cada domínio desenvolverá seu próprio devir.

Como é possível vislumbrar, a humanidade passa a ser influenciada pela busca das sistematicidades, isto é, explicar os fatos a partir da estrutura, da regra e do sistema. É aqui que William W. Whitney aparece. Ele se interessa por esse modo de analisar a língua: ver suas regras, como o sistema se organiza. Sabemos que usamos a língua para a comunicação, mas não conhecemos as regras do seu sistema.

3 Whitney e os estudos da linguagem do século XIX: combates em busca de uma linguística geral

Ao pesquisar os livros de Nerlich (1990) e Alter (2005) e a tese de Milani (2000), descobrimos as condições acadêmicas e históricas que se discutia na época em que Whitney viveu. Nesse período, conforme vimos em Foucault (2007), havia um grande esforço para retirar os estudos da linguagem do campo das ciências naturais e romper com a continuidade clássica.

Havia uma prática de se realizar estudos comparativos, sobretudo na Alemanha, no anseio de identificar as diferenças e semelhanças entre línguas como o sânscrito, o alemão, o grego, o latim, dentre outras. Tais estudos despertaram o interesse de Whitney, que passou a estudar filologia nas universidades de Berlim e Tübingen, desenvolveu estudos compara-

tivos sobre sânscrito, foi aluno de Franz Bopp – representante mais ilustre do comparatismo alemão. Whitney doutorou-se em 1861 e em 1864 tornou-se professor de sânscrito em Yale. Em 1869, já lecionava filologia comparativa. Por muitos anos, ele apresentou um curso sobre a ciência linguística geral em Yale, sendo considerado o criador da linguística geral nessa universidade. Acerca desse assunto, Milani (2000, p. 11) esclarece que Whitney fez “[...] de seu próprio ato de ensinar seu campo de pesquisa sobre o processo de aprendizagem da língua”.

Como é possível notar, Whitney viveu a era de prestígio da gramática comparada: estudou com profundidade esse campo, levou-o para o continente americano e esteve inteiramente imerso nele. No entanto, Whitney não se dedicaria a essa linha por toda a sua vida; futuramente, ele combateria as noções dessa escola. Tudo começou em 1850, quando o referido autor foi para Berlim para se aprofundar em filologia e acabou descobrindo pontos nas aulas de Bopp que não o agradavam. A partir desse momento, a vida de Whitney tomou novos direcionamentos e ele decidiu concentrar suas pesquisas nos escritos mais antigos da língua sânscrita. Whitney percebeu que os estudos indianos apresentaram uma língua idealizada, perfeita e imutável, não considerando seu desenvolvimento ao longo da história. Além disso, observou que o trabalho de Panini construiu uma forma de estudar a gramática que trazia cerca de quatro mil regras gramaticais. Na visão de Whitney, tais regras não eram sistematizadas, antes disso, eram obscuras.

Whitney teve um olhar crítico sobre o fazer científico da língua no século XIX: ele via que Panini e seus discípulos sobrecarregaram a análise linguística com regras, classificações complexas e particulares da língua, o que não permitia que se fizesse uma generalização dos dados. Whitney culpou Panini por não trazer um sistema que ia do particular ao geral, construindo um caos de exceções. O professor norte-americano está em busca de princípios para uma linguística geral e, para isso, se afasta dos estudos comparatistas: “[...] o comparatismo já ia longe e Whitney, diferentemente dos europeus, não podia estar preocupado com a origem de sua língua” (Milani, 2000, p. 94).

Segundo Alter (2005), a primeira declaração sistemática dos pensamentos de Whitney sobre a linguística geral foi apresentada em 1859, momento em que ele versou sobre o escopo e o método da ciência linguística. Nesse primeiro esboço, Whitney descreveu como se davam os procedimentos investigativos da filologia comparativa, evidenciando as semelhanças desse método com a geologia, considerada a mais histórica das ciências físicas. Da geologia, ele emprestou a ideia do desgaste gradual das palavras e formas gramaticais. As analogias das espécies de linguagem que Charles Lyell (1863) colocou em seu livro *Geological Evidence of the Antiquity of man* foram admiradas por Whitney, que tratou logo de introduzir os princípios do uniformitarianismo⁴ na linguística e traçar um paralelo entre a geologia e os estudos da linguagem. Como é possível perceber, Whitney está em busca de bases teóricas para melhor

⁴ “O termo ‘uniformitarianismo’ foi introduzido por William Whewell em 1840 para rotular uma certa teoria científica, em contraste com o catastrofismo. A questão discutida por Whewell e seus contemporâneos se apresentou principalmente na geologia. Charles (mais tarde Sir Charles) Lyell (1830) foi o mais proeminente defensor do uniformitarianismo. (Wells 1973: 423) - e Whitney foi um de seus defensores mais proeminentes na linguística (cf. Christy 1983: 78-88).” (Nerlich, 1990, p. 41, tradução nossa). “The term ‘uniformitarianism’ was introduced by William Whewell in 1840 to label a certain scientific theory, contrasted with catastrophism. The issue as discussed by Whewell and his contemporaries primarily presented itself in geology. Charles (later Sir Charles) Lyell (1830) was the most prominent advocate of uniformitarianism. (Wells 1973:423) –and Whitney was one of its most prominent advocates in linguistics (cf. Christy 1983:78–88).”

configurar suas ideias. Ao analisar esse cenário, Milani (2000) afirma que Whitney estava à procura de conhecimentos para:

[...] resolver suas necessidades como professor. Tentou resolvê-las, estudando-as pela observação e experimentação. Inspirado por uma sociedade mecanizada e modernizada, mas muito jovem e cheia de misturas culturais, ele aplicou uma visão prática e racional para explicar e responder suas dúvidas a respeito da língua e da linguagem (Milani, 2000, p. 101).

Whitney, antes de promover estudos sobre a linguística geral, teve uma fase naturalista, em que compactuou com as ideias de August Schleicher. Essa imagem orgânica da língua, de início, tanto conquistou Whitney, que ele chegou a nomear um de seus livros como *The life and growth of language* (1875), isto é, *A vida e o crescimento da linguagem*. Ele também disse que o processo linguístico era como “o nascimento, crescimento, decadência e morte de uma criatura viva”⁵ (Alter, 2005, p. 140, tradução nossa). Inclusive, Alter (2005) nos informa que Whitney e Charles Darwin se uniram contra os ataques de Max Müller. Charles Darwin chegou a citar escritos de Whitney em uma edição de 1874 de *Descend of Man*, além de pagar para ter um de seus artigos publicados na Inglaterra. Essa ligação entre os dois estudiosos evidencia que havia um relacionamento intelectual entre eles. Contudo, Whitney logo percebeu que essa associação poderia ser prejudicial à autonomia da linguagem que tanto almejava. Nesse sentido, mesmo tratando a língua sob esse viés naturalista, Whitney buscava advertir que essas imagens naturalistas tinham um grande potencial enganador, porque enquanto se tratava apenas de analogias, eram inofensivas, uma vez que serviam como ilustrações. O problema ocorria quando esse tipo de analogia deixava de ser apenas um exemplo, ilustração e passava a ser o método de estudo das línguas. Whitney defendia que usar as metáforas naturalistas para explicar os fatos da língua poderia trazer prejuízos aos estudos reais, já que os termos baseados em analogias poderiam tomar o lugar das verdades claras que essas analogias estavam representando. Para o referido autor, tais associações poderiam trazer a impressão de que a linguística se tornou uma ramo/uma entidade controlada pela ciência natural, afetando a busca pela sua autonomia.

Podemos dizer que foi nesse momento que “nasceu” um sentimento de separar a linguística dos estudos naturais em Whitney. A partir daí, ele combatia as tendências naturalistas e atacava toda visão “orgânica” da linguagem em defesa de uma visão social. O ponto de vista naturalista – defendido por autores Schleicher e Max Müller – estava cada vez mais ganhando adeptos e se tornando mais abrangente. Segundo Alter (2005), se Whitney e seus argumentos sociais para a linguagem não tivessem sido tão convincentes nos debates teóricos de 1860, o erro de filiação da ciência linguística não teria sido evitado. A maioria dos estudiosos defendia a ordem natural para explicar os fatos, em que leis naturais governavam o universo. Foi em meados do século XIX, com pessoas como Whitney, que as leis naturais começaram a perder sua validade.

Whitney foi alguém que esteve entre esses dois mundos: de início, ele seguiu a ideia tradicional de que havia um governo da natureza humana feito por uma força motriz irreduzível. Esse era o procedimento científico da época e mostra que ele estava assujeitado às ideologias desse

⁵ “the birth, increase, decay, and the death of a living creature.”

período e fazendo as práticas que isso requeria. Contudo, não demorou muito para ele romper com a continuidade clássica e seguir novos caminhos, conforme vimos em Foucault (2007).

Whitney também confrontou a tendência materialista, porque esta atribuiu à função mental da humanidade a determinantes que eram puramente físicos: “O temor dele era que a noção de mente como um produto de causas não-conscientes também absorvesse a linguagem, tornando-a também parte do reino materialista⁶” (Alter, 2005, p. 141, *tradução nossa*). Para Whitney,

Há uma escola de filósofos modernos que está tentando materializar toda a ciência, eliminar a distinção entre o físico, o intelectual e o moral, declarar em vão a ação livre da vontade humana e resolver toda a história do destino da humanidade em uma série de efeitos puramente materiais, produzidos por causas físicas atribuíveis, e explicáveis no passado, ou determináveis para o futuro, por um conhecimento íntimo dessas causas, por um reconhecimento da ação de motivos compulsórios sobre a natureza passivamente obediente do homem. Com tais [pensadores modernos], a linguagem passará naturalmente, juntamente com o resto, para um produto físico e seu estudo para uma ciência física (Alter, 2005, p.141-142, *tradução nossa*).⁷

O anseio de ter uma ciência da linguagem, próprio do espírito positivista, não poderia ser feito no campo do naturalismo. Não era aí que a linguagem iria se tornar uma ciência. Mas não foi tão fácil sair disso. Os próprios gramáticos comparados buscavam no naturalismo as explicações para elucidar as mudanças na língua. Filiar os estudos da linguagem ao social não foi feito de forma pacífica e calma. A luta para derrubar a ligação da língua com as ciências naturais foi árdua e, somente assim, o caminho ficou livre para Whitney seguir em busca da estrutura e da sistematicidade da língua (Foucault, 2007).

Whitney começou a desviar das ideias naturalistas quando promoveu uma visão social da linguagem por meio de seus artigos e palestras. De acordo com Alter (2005), tal atitude abriu caminhos para outras formas de estudar a língua, uma vez que havia uma fascinação quase exclusiva dos estudiosos pelas línguas antigas naquela época. Foi por meio de combates teóricos feitos por pessoas como Whitney, que uma nova era foi iniciada na linguística e os estudos dos estados sincrônicos e a observação dos processos de mudança na linguagem começaram a aflorar.

A fascinação pelas línguas antigas e as ciências naturais ameaçavam abster-se do estudo do social. Apenas as pesquisas naturais e biológicas da linguagem tinham valor. Sobre o assunto, Nerlich (1990) afirma que Whitney foi muito violento em seus ataques à ciência linguística alemã, defendendo que tais práticas estavam ficando caóticas, trazendo doutrinas paradoxais e totalmente indefensáveis. O professor norte-americano se opunha especifica-

⁶ “His fear was that the notion of mind as a product of nonconscious cause would absorb language as well, making it too part of the materialistic realm.”

⁷ “There is a school of modern philosophers who are trying to materialized all science, to eliminate the distinction between the physical and the intellectual and moral, to declare for naught the free action of the human will, and to resolve the whole story of the fates of mankind into a series of purely material effects, produced by assignable physical causes, and explainable in the past, or determinable for the future, by an intimate knowledge of those causes, by a recognition of the action of compulsory motives upon the passively obedient nature of man. With such [modern thinkers], language will naturally pass, along with the rest, for a physical product, and its study for a physical science.”

mente aos trabalhos de Max Müller, August Schleicher e Heymann Steintal, porque eles traziam o naturalismo, o organicismo e o psicologismo metafísico para o campo da linguagem. Para Nerlich (1990), Whitney, por ter conhecimento sobre a tradição da filologia comparativa, pôde criticá-la de dentro, isto é, fazer críticas daquilo que conhecia. O estudioso norte-americano conhecia a língua como organismo vivo do naturalismo, conhecia os estudos das línguas antigas e isso o ajudou a perceber alguns princípios simples destacados de todo fenômeno linguístico. Nessas questões citadas, é interessante perceber como os atores sociais, as posições de sujeitos se movimentavam para desconstruir os discursos naturalistas e comparatistas. Isso tudo fez parte das condições de produção da fundação da ciência linguística.

Whitney promoveu a construção da ciência linguística autônoma durante boa parte de sua vida acadêmica. Segundo Alter (2005), em 1864, Whitney foi para Washington D.C. entregar artigos sobre os princípios da ciência linguística para a *Smithsonian Institution*. Essa série de artigos acabou sendo comparada com a série de artigos que Max Müller tinha entregue para *London's Royal Institution*. O fato interessante aqui é que temos dois autores tratando sobre a ciência da linguagem, mas não falavam sob a mesma perspectiva. Müller havia proposto uma teoria que rebatia o naturalismo de Darwin e agradou os estudiosos da época com sua proposta. Whitney também trouxe uma teoria da linguagem, muito rica, por sinal, mas não teve a mesma sorte que Müller: sua plateia era pequena e a cidade não estava muito interessada, nesse primeiro momento, em suas ideias. Foi um primeiro desafio que Whitney teve que enfrentar.

De acordo com Nerlich (1990), havia muitas coisas que Whitney não compactuava com Müller: sua definição de linguística como uma ciência natural, sua afirmação de que pensamento e linguagem eram idênticos e inseparáveis, sua teoria da origem da linguagem, sua crença na luta pela vida das palavras e a seleção natural entre elas. Whitney combateu essas ideias de Müller usando a concepção de linguagem como uma instituição social, como um instrumento de comunicação, além da definição de signo como convencional e arbitrário. Ademais, o referido autor defendia que os estudos linguísticos não poderiam pertencer às ciências físicas, porque eles não dependiam das forças da natureza, em que o homem só assistia os fatos ocorrerem; pelo contrário, dependiam da história e da ação humana.

Whitney, determinado em superar as tendências naturalista e materialista – que, como bem analisa Foucault (2007), defendiam uma visão de linguagem associada a uma grande continuidade cronológica e independente do homem –, passou a difundir conceitos de uma linguística ligada aos fatos históricos e sociais: a língua é uma instituição social usada para os sujeitos se comunicarem; os signos são arbitrários e convencionais; o indivíduo é o agente de modificação e formação de palavras; a comunidade pode ou não ratificar as alterações promovidas pelos falantes. Como consequência, sua fama começou a crescer e ele passou a ser convidado para ministrar palestras sobre a ciência da linguagem. De acordo com Alter (2005), Whitney era muito crítico e cético com os estudos da língua. E isso era o motor para pensar novos caminhos: não estar satisfeito com o que se fazia com a linguagem é um ponto para iniciar as mudanças. Whitney, influenciado pelas noções de sistema e estrutura que emergiam em sua época (Foucault, 2007), defendia uma ciência que buscasse leis e princípios gerais da linguagem; essas definições foram essenciais para que a linguística conquistasse o estatuto de ciência autônoma posteriormente.

O ponto central da crítica de Whitney à filologia comparativa diz respeito ao fato de ela focar em estudos de classificações e relações de parentesco entre as línguas. Whitney defendia uma ciência que buscasse as leis e princípios gerais da linguagem. Ele queria deixar

bem claro que o método desse campo não poderia ser levado em conta para formar a ciência linguística. Isso porque, era preciso fundar um conjunto de princípios mais sistemáticos para fazer o campo da linguagem se tornar mais científico.

Outra luta que Whitney terá que travar será com a filosofia idealista da linguagem. Trata-se de uma filosofia românticista, de origem religiosa e que estava se tornando popular. Embora os defensores do idealismo concordassem em alguns papéis/funções para a esperteza/artifícios/habilidades humana, eles insistiam que isso não era produzido sem que a divindade tivesse concedido um instinto de linguagem que foi implantado nas primeiras mentes humanas. Para essa concepção, a linguagem era um dom divino.

Whitney também discordou do estudioso europeu Humboldt, porque ele usava a linguagem no sentido de *Energieia*⁸. Para Whitney, era preciso diferenciar uma capacidade de um produto do exercício dessa capacidade. Além disso, a filosofia de Humboldt considerava a língua como uma faculdade inata, diferentemente dos pensamentos do professor norte-americano.

A resposta de Whitney para essas tendências e autores que ele combatia se formaria com o testemunho da sua própria teoria que incluía a linguagem dentro das ciências morais e históricas, tal qual analisa Foucault (2007). Whitney era um dos que estavam preocupados em ampliar a noção da palavra ciência para poder incluir também a linguística como um campo científico. Ele acreditava que o estudo da língua pertencia às ciências “morais” (históricas ou sociais) e fez dessa questão o assunto do primeiro artigo completo (intitulado “O Estudo da Linguagem é uma Ciência Física?”) que escreveu para a *North American Review*. Nesse artigo, Whitney deixou claro que não se deveria ligar a linguística às ciências naturais, porque isso não ajudaria a linguagem a ter a sua autonomia.

Nerlich (1990) revela que a década de 1860 foi um momento em que Whitney travou disputas teóricas para destruir a reputação de Müller, Schleicher, Steinthal, Gibbis e o idealismo na linguagem, pois os referidos autores estavam levando tais estudos para o caminho errado. Sobre Steinthal, Whitney dizia que ele tinha um método impraticável, porque confiava na metafísica, uma maneira especulativa e psicologista para explicar a origem da linguagem; contrário ao método científico atual que se baseava em fatos e observações. Acerca de Schleicher, Whitney afirmava que ele se inspirava em Darwin, Müller e em Hegel, e todos esses defendiam uma linguística baseada nas ciências naturais e ignoravam o falante nos estudos da língua. A filosofia da linguagem que Whitney defendia era uma filosofia pragmática, indutiva e realista, produto da experiência e de circunstâncias externas.

Koerner (1989) analisa que Whitney trabalhou para tirar a linguagem dos campos do naturalismo e da psicologia, para inscrevê-la na orientação histórica e humana. Ele afirmava que as características físicas e naturais dos falantes não interferiam na língua, justamente por ela ser uma capacidade social passada para os membros que compõem uma mesma sociedade: “[...] a distribuição dos dialetos humanos é tão inconciliável com a da capacidade natural e distorcida quanto com a da forma física entre os seres humanos” (Whitney, 1875,

⁸ “Humboldt [...] propõe uma compreensão da linguagem não apenas como um sistema acabado, mas como atividade. Em suas palavras: ‘é preciso considerar a linguagem não como um produto morto (*totdes Erzeugtes*), mas, sobretudo, como uma produção (*Erzeugung*) [...] Em si mesma, a linguagem não é um produto (*Ergon*), mas uma atividade (*Energieia*)” (Humboldt, Wilhelm von. *Schriften zur Sprachphilosophie* (Werke III). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002, p. 416 e 418). Disponível em: [https://www.scielo.br/j/trans/a/S67F6Xt67J\)tV4z6NQFnnKc/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/trans/a/S67F6Xt67J)tV4z6NQFnnKc/?lang=pt). Acesso em: 30 jan. 2023.

p. 9-10, *tradução nossa*).⁹ Para o estudioso norte-americano, a questão era mesmo de filiação, uma vez que a ciência da linguagem era histórica e ligada aos falantes e não aos fatos naturais como acreditavam Schleicher e Müller: “A língua não é um produto físico, mas uma instituição humana, preservada, perpetuada e modificada pela livre ação humana” (Whitney, 1867, p. 152, *tradução nossa*)¹⁰. A fim de mudar essa filiação, Whitney introduziu alguns princípios filosóficos em linguística, tais como definir a língua como uma instituição social: “[...] uma instituição fundada na natureza social do homem [...]” (Whitney, 1867, p. 177, *tradução nossa*)¹¹, afirmar que os signos são arbitrários e convencionais:

[...] arbitrário, porque qualquer uma das milhares de outras palavras correntes entre os homens, ou das dezenas de milhares que poderiam ser fabricado, poderia ter sido igualmente bem aprendido e aplicado a este propósito específico; convencional porque a razão para o uso deste e não de outro reside unicamente no fato de que já é usado na comunidade à qual o falante pertence (Whitney, 1875, p. 19, *tradução nossa*).¹²

e asseverar que o falante se vale da língua de modo a satisfazer suas necessidades mais básicas que é se comunicar: “[...] suas necessidades sociais [...] o forçam a se expressar” (Whitney, 1875, p. 404, *tradução nossa*)¹³. Ademais, Whitney (1875) insistiu que os processos de mudanças linguísticas constituíam uma propriedade fundamental da linguagem, algo inerente a ela. Seu estudo não deveria ser reduzido à lista atomística de mudanças de formas linguísticas isoladas, mas ampliado para que pudesse abranger os princípios gerais de mudança. Nesse sentido, explica Whitney (1867), a mudança se dava num jogo de forças entre o indivíduo e a ratificação social: enquanto o indivíduo é o agente de modificação e formação de palavras, a comunidade é a que aceita ou não essas alterações. O autor revela que o primeiro agente é a força molecular e o segundo é a força orgânica: “O primeiro é a força molecular; o segundo, a orgânica.” (Whitney, 1867, p. 177, *tradução nossa*)¹⁴ e que ambos operam, sendo a história das línguas humanas um registro do efeito de jogo de forças entre o individual e o social.

Fugindo de afirmações infundadas e não comprovadas, como é o caso do darwinismo, Whitney queria garantir a autonomia da ciência linguística. Ele deixou esse desejo claro em seu livro *The life and growth of language* quando afirmou que seu objetivo era “[...] extrair e ilustrar os princípios da ciência linguística e expor seus resultados, da forma mais completa possível dentro do espaço limitado de que dispomos.” (Whitney, 1875, p. 5, *tradução nossa*).¹⁵

⁹ “[...] For the distribution of human dialects is as irreconcilable with that of natural capacity and bent as with that of physical form among human beings.”

¹⁰ “Language is not a physical product, but a human institution, preserved, perpetuated, and changed, by free human action”.

¹¹ “[...] an institution founded in man’s social nature [...]”

¹² “[...] arbitrary, because any one of the thousand other words current among men, or of the tens of thousands which might be fabricated, could have been equally well learned and applied to this particular purpose; conventional because the reason for the use of this rather than another lies solely in the fact that it is already used in the community to which the speaker belongs.”

¹³ “[...] his social needs [...] force him to expression.”

¹⁴ “The one is the molecular force; the other, the organic.”

¹⁵ “[...] to draw out and illustrate the principles of linguistic science, and to set forth its results, with as much fullness as the limited space at command shall allow”.

Segundo Nerlich (1990), ele buscava uma explicação racional da origem da linguagem baseada em princípios pragmáticos, que credita a sua origem a uma teoria da ação humana. Tal posicionamento era contrário à maioria dos seus contemporâneos, mas estava em concordância com os linguistas do século XX, que seguiram os aprofundamentos que Saussure realizou das noções de Whitney. Nerlich (1990) ainda lembra que o professor norte-americano preparou o caminho para uma definição de língua como um sistema semiótico de signos¹⁶. Os neogramáticos acreditavam que a linguagem deveria ser definida em relação ao pensamento e à ação humana, uma herança também de Whitney. Isso mostra como ele estava afinado com os autores do século XX e desafinados com seus contemporâneos: “Whitney agora via com mais clareza o que ele deve ter suspeitado o tempo todo, que a abordagem psicológica de Steinthal à linguagem era algo distinto da perspectiva bio-orgânica de Schleicher” (Alter, 2005, p. 171, tradução nossa).¹⁷ Alter (2005) enfatiza que Whitney trabalhou muito para provar que a língua não era uma emanção da alma e nem um organismo físico, mas uma instituição, parte da cultura humana. Ao analisar esse assunto, Severo e Görski (2019, p. 03) definem as ações do autor:

O enfoque de língua de Whitney contesta a perspectiva de organismo vivo cujo funcionamento se daria por uma dinâmica metafísica – apolítica – independente dos falantes. Essa visão metafísica é vista por Whitney (1867b) como um dos três estágios do desenvolvimento da linguística: (i) teológico, que propõe a língua como uma criação divina, inscrita de forma milagrosa no homem; (ii) metafísica, que considera a existência da língua, tida como um organismo, de maneira independente; (iii) positivista, que postula a existência da língua a partir de fatos observáveis passíveis de descrição clara.

No próximo item, mostraremos as principais influências que Whitney teve para se chegar as conclusões que foram demonstradas acima.

4 Os aliados de Whitney: as influências para propor uma ciência da linguagem

Whitney não compartilhava dos estudos sobre a língua praticados na época em que viveu, buscando outras formas de pensar uma ciência linguística independente das ciências naturais. Segundo vemos nos livros de Alter (2005) e Nerlich (1990), Whitney encontrou o que procurava na Commom Sense Theory que, assim como ele, fazia oposição ao idealismo e ao materialismo. Os pensadores da Commom Sense consideravam a mente como ativa na formação da linguagem, não meramente como um receptor passivo de sensações físicas.

¹⁶ Essa constatação pode ser notada quando Whitney define a língua como “[...] o conjunto de signos pronunciáveis e audíveis pelos quais o pensamento é principalmente expresso na sociedade humana, sendo o gesto e a escrita seus subordinados e auxiliares (Whitney, 1875, p. 2, tradução nossa).” “[...] the body of uttered and audible signs by which in human society thought is principally expressed, gesture and writing being its subordinates and auxiliaries”.

¹⁷ “Whitney now saw more clearly what he must have suspected all along, that Steinthal’s psychological approach to language was something distinct from Schleicher’s bio-organic perspective.”

Ademais, defendiam a noção de arbitrariedade do signo. Ao ter acesso a essa visão, Whitney começou a divulgá-la em suas falas e insistia que as palavras eram signos arbitrários e convencionais. A sua teoria da linguagem parece começar aí; ele define suas filiações e seus ideais norteadores: “A conexão entre palavras e idéias pode, em geral, ser considerada arbitrária e convencional, devido ao acordo entre os homens; cuja prova clara é que diferentes nações têm diferentes idiomas.” (Hugh Blair’s *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres* (1783)” (Alter, 2005, p.72, tradução nossa).¹⁸

Whitney deu grande foco para essas ideias da *Common Sense Theory*. E Saussure, como se sabe, passou esses conceitos adiante. Sobre esse assunto, Alter (2005) lembra que é sabido que, na atualidade, a comunidade acadêmica credita a ideia de arbitrariedade e convencionalidade da linguagem a Saussure:

Atualmente, os leitores tendem a associar a noção de signos arbitrários e convencionais ao pioneiro *Cours de Linguistique générale* (1916) de Ferdinand de Saussure, bem como às teorias literárias e antropológicas de vanguarda que a obra de Saussure inspirou. No entanto, esse par de conceitos realmente começou com os escoceses do século XVIII. Além disso, pelo menos durante a primeira metade do século XIX, esse ensino era comum para a maioria dos adolescentes que frequentavam as faculdades americanas (Alter, 2005, p. 72, tradução nossa).¹⁹

De acordo com Alter (2005), Whitney e seus contemporâneos aprenderam os princípios sobre arbitrariedade nos livros que estudavam na época sobre lógica e retórica:

[...] os alunos de William aprenderam com *Elementos da Lógica* de Levi Hedge (1816) que: “As palavras não possuem aptidão natural para denotar as coisas particulares, às quais são aplicadas, em vez de outras, mas adquirem essa aptidão inteiramente por convenção.” Quanto ao termo “sinal arbitrário”, seu uso original era em matemática; Whitney já o teria visto empregado nesse contexto nos *Elementos da Lógica* de Richard Whately (1826). (Como essas referências sugerem, os temas da teologia natural linguística não informavam necessariamente a filosofia da linguagem ensinada nas faculdades) (Alter, 2005, p. 72, tradução nossa).²⁰

Acerca dessa simpatia de Whitney pelos conceitos da *Common Sense Theory*, Nerlich (1990) revela que esse foi o caminho que ele encontrou para fugir de pensamentos especulativos, sem provas, sobre a vida e o crescimento da linguagem que eram defendidos por aqueles

¹⁸ “The connexion between words and ideas may, in general, be considered as arbitrary and conventional, owing to the agreement of men among themselves; the clear proof of which is, that different nations have different Languages.” (Hugh Blair’s *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres* (1783).

¹⁹ “Today readers tend to associated the notion of arbitrary and conventional signs with Ferdinand Saussure’s pioneering *Cours de Linguistique générale* (1916) as well as with the avant-garde literary and anthropological theories Saussure’s work inspired. Yet this pairing of concept actually began with the eighteenth-century Scots. Moreover, during at the least the first half of the nineteenth century, this teaching was run-of-the-mill fare for most the teenage boys who attended American colleges”.

²⁰ “[...] Willian students learned from Levi Hedge’s *Elements of Logick* (1816) that: ‘Words possess no natural aptness to denote the particular things, to which they are applied, rather than others, but acquire this aptness wholly by convention.’ As for the term ‘arbitrary sign’, its original use was in mathematics; Whitney would have seen it still employed in this context in Richard Whately’s *Elements of Logic* (1826) (As these references suggest, the themes of linguistic natural theology did not necessarily inform the language philosophy taught in the colleges).”

que reconheciam a língua como um organismo vivo. Segundo Nerlich (1990), Whitney estava seguindo a escola de Condillac, a qual afirmava que as palavras eram signos e não podiam ser consideradas como organismos vivos que viviam e morriam como seres. Terracini (1949, p. 91 *apud* Nerlich, 1990, p.11, tradução nossa) acerca disso escreve que “Whitney, a quem qualquer solução romântica era estranha, recorreu para o que havia sido predominantemente adotado na filosofia da linguagem no século 18: a língua/linguagem é uma instituição humana”.²¹

Whitney passou a difundir esses discursos sobre a concepção de signo linguístico que, aos poucos, alastrou-se e ganhou adeptos. O curioso, diz Alter (2005), é que os primeiros trabalhos de Whitney sobre linguística geral não mencionaram a arbitrariedade e convencionalidade do signo linguístico, porque esses conceitos já eram conhecidos e não despertavam muito interesse, já que eram vistos como uma filosofia inferior e pouco sofisticada. A visão teórica da *Common Sense Theory* não era nenhuma novidade na época e, inclusive, era vista como inferior e fraca pelos estudiosos britânicos e americanos. Quem reavivou esses conceitos e os tornou pontos centrais de suas palestras foi Whitney.

De acordo com Alter (2005), Whitney se arriscou ao colocar suas fichas em uma teoria da filologia que era considerada por muitos, de pouca sofisticação e simplória. Contudo, para o professor norte-americano era melhor basear os estudos da linguagem em uma linguística de pouco respeito, do que relacionar a linguagem às visões idealistas e naturalistas da época. Whitney defendeu a necessidade de se derrubar essas teorias para mostrar que a língua era exterior ao indivíduo: ao nascer, o sujeito encontrava um sistema linguístico pronto para ser usado, isto é, uma língua em uso. Segundo Alter (2005), esses conceitos derrubaram algumas crenças já cristalizadas:

Whitney negou a noção popular entre os escritores de linguagem da era vitoriana de que a derivação de uma palavra capturava seu sentido “próprio”, “seu verdadeiro significado e força original”. Ele argumentou, ao contrário, que o conhecimento das origens das palavras não estava em qualquer sentido prático: “Para o maior etimologista que vive, não menos do que para o falante mais ignorante e irrefletido, a razão pela qual ele chama certa idéia por certo nome é simplesmente que a comunidade na qual ele vive assim a chama, e poderá entendê-lo quando ele faz o mesmo”. Whitney mostrou, assim, que uma ênfase diacrônica (histórica) por si só não refletia com precisão as implicações da tese da convencionalidade. Igualmente importante era o que Ferdinand de Saussure mais tarde chamaria de perspectiva sincrônica, um foco na relação entre os fenômenos linguísticos em um determinado momento no tempo (Alter, 2005, p. 75, tradução nossa).²²

Além da *Common Sense Theory*, Whitney foi fortemente influenciado pelos princípios geológicos de Lyell. Para Nerlich (1990), a ciência linguística que Whitney defendia se baseava no uniformitarianismo – que seguia os princípios da causação da geologia – o qual pregava

²¹ “Whitney, to whom any romantic solution was alien, resorted to one that had been prevailingly adopted in the philosophy of language of the 18th century: language is a human institution”.

²² “Whitney thus denied the notion popular among Victorian-era language writers that the derivation of a word captured its ‘proper’ sense, ‘its true original meaning and force.’ He argued, on the contrary, that a knowledge of word origins was not in any sense practical: ‘To the greatest etymologist who lives, not less than to the most ignorant and unreflective speaker, the reason why he calls a certain idea by a certain name is simply that the community in which he lives so call it, and will understand him when he does the same.’ Whitney thus showed that a diachronic (historical) emphasis alone did not accurately reflect the implications of the conventionality

que as leis da mudança aconteciam na evolução gradual da língua. Segundo Nerlich (1990), Lyell estava procurando compreender o que havia acontecido com as espécies e incluiu as línguas nessa preocupação. O que intrigava Lyell era a relativa imaturidade da linguagem e sua rápida evolução; ele procurava explicar a existência de uma variação incessante nas línguas:

Falantes de todas as classes, profissões e grupos inventam novos termos, novas palavras são constantemente criadas em ciência e literatura, e essa criatividade parece ser ilimitada. Mas nem todas as novas palavras são aceitas e usadas, apenas uma pequena proporção (Nerlich, 1990, p. 43-44, tradução nossa).²³

Nerlich (1990) nos mostra que Lyell concluiu que os falantes não percebiam que sua língua estava em movimento; mudanças ocorriam e eles não tinham consciência disso: novas palavras entravam em voga enquanto outras não eram aceitas. Nesse sentido, para Lyell havia uma competição, em que alguns termos seriam incorporados pelo uso e outros seriam descartados. Além disso, Lyell observou que havia duas forças agindo: uma “força de herança”, que consistia na tendência em adotar novos termos sem alterar a herança do vocabulário da geração anterior e a “força inventiva”, em que novas palavras eram criadas a partir de palavras antigas e adaptadas à realidade do falante.

A geologia foi uma inspiração metodológica para Whitney, porque pregava que as mesmas forças de mudança que agiram no passado estavam em ação no presente, evidenciando uma crença na evolução gradual da linguagem. Essa visão era totalmente diferente da visão naturalista que concebia a evolução linguística como uma transição de um estado embrionário para um crescimento maduro que a levava até a morte. Whitney, em suas palestras e artigos, deixava perceber que tinha muita influência de Lyell e o citava com frequência:

A vida e o crescimento da linguagem para ele é um processo dialético, governado por duas forças: a força conservadora, que governa a transmissão da linguagem de geração em geração, e a força alterativa que a faz mudar continuamente através do uso (cf. LGL: cap. 3). Essas forças dão à linguagem seu caráter semiótico particular: continuidade na alteração. Com efeito, Whitney prefigura o que Saussure chamará de princípio mais fundamental da semiótica (cf. CLG / E: 169, 171) (Nerlich, 1990, p. 20, tradução nossa).²⁴

Whitney e seus aliados, como Michel de Bréal e Gaston Paris, passaram a divulgar que o sujeito criava a linguagem a todo o momento e que as mudanças nas palavras eram consequência do trabalho do próprio homem. Bréal revelou que a gramática comparativa havia deixado o agente humano de lado, justamente o elemento responsável pela evolução lin-

thesis. Equally important was what Ferdinand de Saussure would later call a synchronic perspective, a focus on the relationship between linguistics phenomena at a particular moment in time.”

²³ “Speakers of all classes, professions, and groups coin new terms, new words are constantly created in science and literature, and this creativity seems to be unlimited. But not all new words are accepted and used, only a small proportion.”

²⁴ “The life and growth of language for him is a dialectical process, governed by two forces: the conservative force, governing the transmission of language from generation to generation, and the alterative force that makes it continually change through use (cf. LGL: ch. 3). These forces give language its particular semiotic character: continuity in alteration. In effect Whitney prefaces what Saussure will call the most fundamental principle of semiotics (cf. CLG/E: 169, 171).”

guística. Bréal tinha uma visão de língua que incluía o falante e considerava que a mudança era governada por leis do intelecto humano, indo contra a ideia de mudança governada pelas leis da natureza que vigorava na época. Gaston Paris é outro autor que endossa a visão de Bréal e merece ser mencionado, uma vez que ele defendia a língua como tendo uma função social. Na tentativa de compreender os papéis desempenhados pelo falante e pela sociedade na mudança linguística, Whitney (*apud* Nerlich, 1990, p. 51, tradução nossa) enfatizou o caráter social da linguagem:

A linguagem é uma instituição fundada na natureza social do homem, forjada para a satisfação de suas necessidades sociais; e, portanto, enquanto os indivíduos são os únicos agentes últimos na formação e modificação de cada palavra e significado de uma palavra, ainda é a comunidade que faz e muda sua linguagem (LSL: 177; cf, também 48, 400, 404, 405; LGL: 280, 309, etc.).²⁵

Na busca por redefinir o conceito de ciência e mostrar como as ideias sobre linguística geral tinham um sistema teórico capaz de edificar um campo científico para a língua, Whitney, influenciado pela concepção moderna (Foucault, 2007), preparou palestras sobre linguística geral. Segundo Alter (2005), ele estava muito motivado com esse empreendimento: ministrou cursos sobre os princípios de linguística geral e trabalhou para buscar a autonomia que seu campo carecia. Um dos maiores desafios do autor era retirar os estudos linguísticos dos discursos botânicos e naturais. Esse trabalho não foi fácil, uma vez que as formas como a língua era discursivizada, sua conceituação, suas metáforas eram totalmente ligadas ao naturalismo e à botânica. Whitney tinha duas preocupações: estabelecer os conceitos norteadores para se estabelecer uma ciência linguística e também mostrar que tal termo não deveria ficar restrito à investigação do fenômeno natural ou físico, mas deveria ser ampliado para a noção de conhecimento sistemático de qualquer tipo, buscando a emancipação da referida noção:

W.D. Whitney queria fervorosamente ver o estudo das línguas atingir a paridade de *status* com as ciências mais avançadas de sua época. De fato, ele considerava a reivindicação da posição científica de seu campo como uma de suas tarefas mais importantes como teórico. Esse esforço, ele percebeu, incluía inevitavelmente uma dimensão retórica, envolvendo a escolha de rótulos usados para nomear e categorizar esse campo (Alter, 2005, p. 95, tradução nossa).²⁶

O desejo de constituir uma ciência linguística não era somente de Whitney. Alter (2005) nos conta que a vontade de assumir uma independência de outras disciplinas fez com que os primeiros filólogos comparatistas focassem a língua como um organismo vivo, na ânsia de separá-la dos estudos da história literária. No entanto, eles acabaram associando os

²⁵ “Language is an institution founded in man’s social nature, wrought out for the satisfaction of his social wants; and hence, while individuals are the sole ultimate agents in the formation and modification of every word and meaning of a word, it is still the community that makes and changes its language. (LSL: 177; cf, also 48, 400, 404, 405; LGL: 280, 309, etc.)”

²⁶ “W.D Whitney wanted fervently to see language study achieve parity of status with the most advanced sciences of his day. Indeed, he regarded the vindication of his field’s scientific standing as one of his most important tasks as a theorist. This effort, he realized, inevitably included a rhetorical dimension, involving the choice of labels used to name and categorize that field.”

estudos linguísticos à biologia e à botânica, porque ainda estavam presos à concepção clássica da linguagem (Foucault, 2007). Isso não conferia a autonomia que a linguística necessitava. A tentativa de construir uma ciência da linguagem era um objetivo da época de muitos estudiosos. O que diferenciava Whitney dos demais autores era a filiação: ele era o único que associava o termo às ciências morais (históricas e sociais).

O projeto de linguística geral de Whitney trazia o signo como convencional e arbitrário. O referido estudioso era contra o conceito de vínculo natural e motivado da linguagem e não acreditava que, entre as palavras e o que elas representavam, havia um vínculo necessário e interno. Nesse sentido, não era necessário conceber a linguagem como algo que emanava das partes mais profundas da mente humana, pelo contrário, ela vinha de partes mais superficiais e mais simples: “Whitney concebeu a linguagem como um instrumento amplamente externo à psique. Era, disse ele, uma instituição social, localizada principalmente no mundo externo da interação comunicativa.²⁷ (Alter, 2005, p. 75, tradução nossa)”. Outra ideia defendida por Whitney era o fato de que o falante não se importava com a diacronia da palavra: para se comunicar, o falante precisava saber das definições convencionais compartilhadas pelos ouvintes. Ele argumentou que a consciência da história de uma palavra não tinha nenhum significado prático na compreensão ou no uso dessa palavra. A partir dessa perspectiva, Whitney ponderou que a investigação etimológica foi “meramente uma questão de curiosidade aprendida” (Alter, 2005, p. 75, tradução nossa).²⁸

No final de 1870, Whitney tornou-se uma referência tanto dentro da América quanto fora dela. No entender de Alter (2005), o impacto mais significativo de Whitney com a linguística geral aconteceu com o advento do movimento neogramático:

Os historiadores do fenômeno neogramático rotineiramente classificam Whitney entre os predecessores do grupo. Alguns até identificaram o próprio Whitney como um neogramático - se não um membro real dessa escola, pelo menos um forte simpatizante. No entanto, a relação de Whitney com o programa neogramático era ambígua. Ele de fato exerceu uma profunda influência nas suposições fundamentais do grupo. No entanto, era uma história diferente quando se tratava das doutrinas pelas quais a escola se tornaria mais conhecida. Isso, no fim das contas, não era nada do que Whitney queria encorajar. Eventualmente, portanto, ele se tornou um dos críticos mais intransigentes do movimento (Alter, 2005, p. 207-208, tradução nossa).²⁹

²⁷ “Whitney conceived of language as an instrumentality largely external to the psyche. It was, he said, a social institution, located primarily in the external world of communicative interaction.”

²⁸ “merely a matter of learned curiosity”.

²⁹ “Historians of the Neogrammarian phenomenon routinely rank Whitney among the group’s predecessors. Some have even identified Whitney himself as a Junggrammatiker – if not an actual member of that school, then at least a strong sympathizer. Yet Whitney’s relation to the Neogrammarian program was ambiguous. He did in fact exert a deep influence on the group’s fundamental assumptions. However, it was a different story when it came to the doctrines for which the school would become best known. Those, it turned out, were not at all what Whitney had wanted to encourage. Eventually, therefore, he became one of the movement’s most uncompromising critics.”

5 Whitney e Saussure: diálogos para a fundação da ciência linguística

Os estudos empreendidos para a confecção deste artigo evidenciaram que Saussure foi quem finalmente conseguiu realizar o que Whitney almejou: estabelecer uma ciência da linguagem com conceitos fundamentais para qualquer análise linguística. Para Nerlich (1990), falar de signos, sistemas e valores é tratar de conceitos modernos e Whitney dedicou muito tempo de seus estudos para isso. Em busca de tais conceitos, sua definição de língua estava dividida em dois pólos: enquanto instituição social de comunicação e como um sistema semiológico puramente abstrato. Nerlich (1990) afirma que Saussure herdou esses polos de Whitney, bem como outras características da sua teoria, como o sistema de valores, signo arbitrário e convencional³⁰, na tentativa de construir a autonomia linguística. A autora lembra, no entanto, que a noção semiológica não estava bem clara para o professor norte-americano, sendo Saussure a figura que trará melhores configurações para esse conceito³¹. Durante a leitura dos livros de Nerlich (1990) e Alter (2005), fica muito claro que o sistema de signos é latente em Whitney, embora não fosse desenvolvido por ele. O próprio Saussure reconhece que Whitney não desenvolveu uma teoria semiológica ao afirmar no CLG:

Para mostrar bem que a língua é uma instituição pura, Whitney insistiu, com razão, no caráter arbitrário dos signos; com isso, colocou a Linguística em seu verdadeiro eixo. Mas ele não foi até o fim e não viu que tal caráter arbitrário separa radicalmente a língua de todas as outras instituições (Saussure, 2006, p. 90).

Nerlich (1990) cita as pesquisas de Konrad Koerner (1973; 1983), o qual se aprofundou em mostrar como o livro de Saussure tem como base os pensamentos de Whitney. Koerner, em seus estudos, atribui a ele os primeiros usos de termos como “valor” e “sinal zero”. Nerlich (1990) ainda nos informa que a noção de valor, além de já ter sido usada por Whitney, também foi usada por Bréal. Para a autora, tal noção tem um significado muito específico em todos esses sistemas de pensamento:

Para Bréal e Whitney está ligado à noção de uso; para Saussure, ao sistema. O valor de um sinal, Bréal observa, permanece o mesmo desde que seja usado, isto é, aplicado e reconhecido como igual pelos falantes de uma língua. Ele muda se e somente se os falantes mudarem o uso. Todos os três, Whitney, Bréal e Saussure rejeitam a etimologia para explicar o significado (cf. CLG: 136), mas ao contrário de Bréal e Whitney, Saussure tentou excluir o falante de sua nova definição de signi-

³⁰ No CLG, Saussure discorre sobre Whitney ter razão sobre a natureza convencional do signo linguístico: “Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas. Sem dúvida, esta tese é demasiada absoluta; a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos (ver pp.88 e 90) [...]. No ponto essencial, porém, o linguista norte-americano nos parece ter razão: a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente (Saussure, 2006, p. 17-18).”

³¹ No CLG, Saussure discorre sobre uma teoria geral dos signos intitulada de Semiologia, cuja função seria estudar “[...] a vida dos signos no seio da vida social (Saussure, 2006, p. 24)”. Na perspectiva saussuriana, a Semiologia deveria se debruçar sobre os sistemas de signos ou códigos sociais, sendo a língua o principal sistema dentre outros existentes.

ficado que é inteiramente negativa: o significado de um signo em um sistema é determinado por sua diferença em relação a todos os outros, significa o que todos os outros não significam (Nerlich, 1990, p. 54, tradução nossa).³²

Para Nerlich (1990), Bréal elaborou uma definição mais positiva do significado ao levar em consideração as forças sociais e históricas. Já Saussure apresentou uma visão negativa do signo: um signo é o que o outro não é. Ademais, a noção de valor saussuriana estava atrelada à noção de sistema. Para Bréal, o valor do signo residia nas forças sociais e históricas, relacionando-se com o uso pelo falante. Em outras palavras, para Bréal, os signos linguísticos adquiriam seu valor no contexto; para Saussure, o valor do signo era adquirido dentro do sistema. A noção de significado de Bréal apontava para um psicologismo, uma vez que estava centrada no uso que o falante fazia do signo. Esse valor psicologista para a linguística era algo que Whitney tinha dúvidas, lembra Nerlich (1990, p. 56, *tradução nossa*): “A sua teoria da linguagem e da mudança linguística é mais orientada para a perspectiva sociológica e a sua teoria do significado enfatiza o ouvinte”.³³ Essa ênfase no ouvinte de Whitney é compartilhada por Saussure:

“Ela [a língua] é todo o conjunto de hábitos linguísticos que permite aos falantes entenderem e se fazerem entender” (CLG / H: [112] 77). Na edição de Engler do *Cours* encontramos uma afirmação que ecoa Whitney ainda mais de perto: “Isso [o fato social] seria uma certa média... O que poderia dar origem a essa capitalização social, cristalização? Este não é [qualquer] país estrangeiro, nós não estamos no fato social da língua. E nem [toda] a parte física também: na parte de execução 1° o indivíduo é o mestre, 2° a execução nunca será feita pela massa; permanece individual: fala. A parte receptiva e coordenativa, isto é, o que forma um depósito nos diferentes indivíduos, e que passa a ser mais ou menos uniforme em todos os indivíduos (CLG / E: 39-40)” (Nerlich, 1990, p. 56-57, tradução nossa).³⁴

As questões acima apontam para o fato de que esses autores abandonaram a perspectiva diacrônica em detrimento da sincrônica.

Outro ponto que merece destaque é que, para Whitney, a língua só estava completa na soma dos falantes. Além disso, ele defendeu que o sistema fornecia a unidade da linguagem:

³² “For Bréal and Whitney it is linked to the notion of usage; for Saussure to that of system. The value of a sign, Bréal remarks, will remain the same as long as it is used, that is to say applied and recognized as the same, by the speakers of a language. It changes if and only if the speakers change the use they put it to. All three, Whitney, Bréal, and Saussure, reject etymology to explain meaning (cf. CLG: 136), but unlike Bréal and Whitney, Saussure tried to exclude the speaker from his new definition of meaning which is an entirely negative one: the meaning of a sign in a system is determined by its difference from all the others, it means what all the others do not mean.”

³³ “His theory of language and language-change is therefore far more oriented towards a sociological perspective and his theory of meaning emphasizes the hearer.”

³⁴ “‘It [the language] is the whole set of linguistic habits which enables the speakers to understand and to make themselves understood’ (CLG/H: [112] 77). In the Engler edition of the *Cours* we find a statement that echoes Whitney even more closely: This [the social fact] would be a certain average.... What could give rise to this social capitalization, crystallization? This is not [any particular] part of [speech] circuit. Firstly not a physical part: when we are in a foreign country, we are not in the social fact of the language. And not [all the] physical part either: in the part of execution 1° the individual is the master, 2° execution will never be made by the mass; remains individual: speech. The receptive and coordinative part, this is what forms a deposit in the different individuals, and which happens to be more or less uniform in all the individuals.’ (CLG/E: 39-40)”

Como Saussure, ele usa o termo “sistema” para descrever uma linguagem como um todo, um sistema de signos (cf. LGL: 24, 43, 106, 115, 157, 182), bem como uma linguagem em sua forma falada e escrita, apontando, por exemplo, as características particulares do sistema fonético (cf. LSL: 91, 265; LGL: 62, 67) (Nerlich, 1990, p. 57, tradução nossa).³⁵

Acerca disso, Nerlich (1990) lembra que, para Whitney, bem como para Saussure, a linguagem é o sistema semiótico por excelência, ao qual outros sistemas semióticos, como gestos e caretas, sinais pictóricos e escritos, tornam-se subordinados. A diferença entre eles é que, enquanto Saussure defende que o valor está dentro do sistema, Whitney apregoa que os signos têm o valor que lhes damos e está intimamente associada à noção de convenção e mudança:

A linguagem é um sistema de signos convencionais, porque é usada na comunicação. Mais do que isso: é um sistema em constante mudança de signos convencionais e arbitrários (LSL: 410), porque é aprendido e usado. A arbitrariedade radical dos signos e a convencionalidade de seu uso são as condições de possibilidade para a contínua e ininterrupta existência da linguagem. Se os sinais não fossem arbitrários e convencionais, a linguagem não seria aprendível, compreensível, nem mutável (Nerlich, 1990, p. 58, tradução nossa).³⁶

Um ponto interessante que lemos em Alter (2005) diz respeito ao fato de que Whitney, ao aplicar os princípios uniformitarianistas da geologia à linguagem, pôde afirmar que a fala era individual. De acordo com essa perspectiva, as pequenas mudanças ocorridas na fala em um dado momento eram responsáveis pelos efeitos cumulativos produzidos por longos períodos de tempo, podendo se alastrar por uma comunidade e provocar distinções entre as línguas. De acordo com o estudioso norte-americano, não só a pessoa tinha um dialeto distinto, mas as classes e regiões também o tinham: “Isso quer dizer que não há dois indivíduos que pronunciem uma palavra exatamente da mesma maneira ou que deram a ela exatamente o mesmo significado.” (Alter, 2005, p. 130, tradução nossa).³⁷ Para Whitney, algumas alterações individuais seriam aprovadas pela coletividade, outras não. Era a coletividade que ratificava a palavra ou o significado novo atribuído a uma palavra. Como se sabe, todas essas ideias são encontradas no *Curso de Linguística Geral* de Saussure.

De acordo com Alter (2005), Whitney foi eleito uma autoridade no assunto, tornado-se uma figura norteadora sobre os estudos de linguística geral no seu tempo. Sua morte fez com que se organizasse um Memorial para comemorar seus trabalhos. Estudiosos proeminentes escreveram declarações acerca das contribuições do professor norte-americano para os estudos da linguagem. Contudo, lembra Alter (2005), a declaração mais importante com-

³⁵ “Like Saussure he uses the term ‘system’ to describe a language as a whole, a sign system (cf. LGL: 24, 43, 106, 115, 157, 182), as well as a language in its spoken and written form, pointing out, for example, the particular features of the phonetic system (cf. LSL: 91, 265; LGL: 62, 67).”

³⁶ “Language is a system of conventional signs, because it is used in communication. But it is more: it is an ever-changing system of conventional and arbitrary signs (LSL: 410) because it is learned and used. The radical arbitrariness of signs and the conventionality of their usage are the conditions of possibility for the continuous and uninterrupted existence of language. If signs were not arbitrary and conventional, language would be neither learnable, understandable, nor changeable.”

³⁷ “That is to say that no two individuals pronounced a word exactly the same way or gave it precisely the same meaning.”

posta para o Memorial não foi enviada e, aliás, nunca foi concluída por seu autor: trata-se da declaração de Saussure. Alter (2005) traz com detalhes o que Saussure escreveu sobre Whitney e avalia que o professor genebrino fez mais do que foi solicitado: ao escrever sobre as realizações de Whitney, Saussure acabou colocando também seus pensamentos sobre os princípios gerais da linguística. De acordo com Alter (2005), os três cursos ministrados em Genebra entre 1907 e 1911 continham muitas ideias que Saussure havia escrito sobre Whitney em 1894, no que ele nomeou de “*Note pour un article sur Whitney*”. Essas notas forneceram enorme contribuição para o material que foi publicado sob o título de *Curso de Linguística Geral* por Bally e Sechehaye, elemento substancial para que se pudesse finalizar o CLG.

Alter (2005), ao comentar essas notas, revela que Saussure teceu grandes elogios a Whitney, afirmando que ele conduziu a linguística para a direção certa, quando defendeu o caráter arbitrário da linguagem. Contudo, Saussure revelou que as ideias de professor norte-americano necessitavam de um aprofundamento: “Mas ele não foi longe o suficiente. Pois ele não conseguiu ver que esse caráter arbitrário distinguia fundamentalmente a linguagem de todas as outras instituições” (Alter, 2005, p. 250, tradução nossa).³⁸ Saussure está se referindo ao fato de a linguagem ser o sistema semiótico por excelência. Segundo Alter (2005), Whitney seguia a *Common Sense Theory* que pregava a arbitrariedade do signo linguístico. Para o autor, Saussure considerava essa arbitrariedade ainda mais profunda do que a teoria a qual Whitney se baseava.

Saussure defendia que o signo também abrangesse a noção de significante e de significado, sendo o último dirigido pelo convencional. E foi no CLG que vimos aparecer um exemplo disso quando o referido autor versou acerca da diferença entre o carneiro em francês e a ovelha em inglês: o inglês acrescentou a palavra carneiro para designar o aspecto comestível, mostrando uma ideia diferente sobre o elo que existia entre a palavra e o objeto. Isso demonstra que o conceito de significado e significante veio de Saussure, uma vez que ele aprofundou a ideia de arbitrariedade trazida por Whitney.

Alter (2005) mostra que, em “*Note pour un article sur Whitney*”, temos ainda outra ideia de Saussure: a linguagem consistia em um sistema interdependente de valores. Ele explica que Saussure considerava que dois signos só adquiriam seu valor por sua diferença recíproca, caso contrário nenhum signo teria valor. Nesse sentido, o signo era uma rede de diferença eternamente negativa:

Uma palavra genuinamente isolada poderia, portanto, não ter significado, pois cada palavra derivou seu “valor” semântico apenas por estar em oposição a uma palavra contrastante. A forma meramente positiva de um sinal, Saussure declara, era “irrelevante” e “equivalente a zero” (Alter, 2005, p. 250-251, tradução nossa).³⁹

³⁸ “But he did not go far enough. For he failed to see that this arbitrary character fundamentally distinguished language from all other institutions”

³⁹ “A genuinely isolated word could therefore have no meaning, for each word derived its semantic ‘value’ only by standing in opposition to a contrasting word. The merely positive form of a sign, Saussure declares, was ‘irrelevant’ and ‘tantamount to zero’”.

Alter (2005) esclarece que a noção de sistema de signos saussuriana exige que se olhe para a língua a partir de uma perspectiva sincrônica. E Saussure explicou isso em suas “Notas” em 1894, quando fez sua famosa analogia da linguagem com o jogo de xadrez.

Saussure sistematizou suas ideias inspiradas em Whitney, desenvolvendo-as de forma que fosse possível enxergar uma metodologia científica para os estudos da linguagem. Sobre isso, Alter (2005) lembra que Whitney não buscou conscientemente formar um sistema linguístico de valores. Essa pretensão sistemática veio com Saussure. Sem perceber, em seu livro *A vida e o crescimento da Linguagem*, Whitney acabou trazendo um ensino altamente estruturalista da linguagem, analisa Alter (2005). Nesse sentido, vemos que o referido autor não tinha pensado em um sistema abstrato de signos. Foi Saussure quem fez isso. Whitney ficou mais interessado na relação do signo com o social, com o fato de a comunidade atribuir um significado ao signo. A linguagem exibia uma qualidade sistemática que o norte-americano não captou diretamente. O próprio Saussure disse que o referido estudioso não pensou que a linguagem deveria ser vista dentro de um sistema:

Saussure reafirmou essa necessidade de uma estrutura substancialmente nova em uma anotação de caderno que ele fez em 1908, depois de ter dado seu primeiro curso de palestras sobre linguística geral: “O americano Whitney, a quem eu reverenciei, nunca disse uma única palavra... [estes] assuntos que não estavam certos; mas, como todos os outros, ele não sonha que a linguagem precise de uma sistemática” (Alter, 2005, p. 253, tradução nossa).⁴⁰

É possível perceber como o contato direto com as ideias de Whitney estimulou o pensamento de Saussure. Além dessa visão sistemática da língua, Alter (2005) lembra que tanto Whitney quando os neogramáticos assumiram que as perspectivas históricas e sincrônicas não eram fundamentalmente opostas: consideraram que a sincronia pertencia à diacronia. “Saussure, em contraste, fez a separação entre a perspectiva sincrônica e a perspectiva histórica como fundamental para seu sistema teórico” (Alter, 2005, p. 254, tradução nossa).⁴¹ O fato é que Whitney havia realizado muitos estudos fundamentais para a linguística geral, conquistando a ruptura com a continuidade clássica e possibilitando que os estudos da linguagem pudessem ser compreendidos segundo leis sociais e históricas, tal qual analisou Foucault (2007) em seu livro. Contudo, esses princípios ainda não estavam evidentes para muitos estudiosos da época; sua geração não tinha amadurecido suficientemente para perceber a importância das novidades que Whitney estava propondo. Sobre isso, Alter (2005) revela que tais ideias serviram para a futura geração de linguistas e aí encontramos Saussure. As ideias do professor norte-americano só ficaram evidentes com os aprofundamentos teóricos realizados por Saussure.

⁴⁰ “Saussure reaffirmed this need for a substantially new framework in a notebook entry he jotted in 1908, after he had given his first course of lectures on general linguistics: ‘The American Whitney, whom I revere, never said a single word on...[these] subjects which was not right; but like all the others, he does not dream that language needs a systematic.’”

⁴¹ “Saussure, by contrast, made the separation between synchronic and historical perspective foundational to his theoretical system.”

6 Considerações Finais

Com as leituras realizadas sobre o trabalho de Whitney, vemos que suas ideias só atingem o objetivo de fundar a ciência linguística com Saussure: o professor norte-americano não conseguiu realizar seu projeto em vida, mas Saussure termina esse trabalho com suas pesquisas e aprofundamentos teóricos. Whitney foi o estágio necessário; sem ele, não teríamos conhecido a linguística moderna, não como ela se configurou:

“Na obra de D. Whitney... aparecem os conceitos de *lei, sistema, estrutura*, que fazem dele o criador de uma linguística estática e *descritiva*, um estágio no progresso saussuriano rumo a uma linguística sincrônica” (Chiss, Filliolet e Maingueneau 1977: 21 *apud* Nerlich, 1990, p. 54, tradução nossa).⁴²

Alter (2005) diz que Whitney deixou um legado misto, ao construir fundamentos essenciais para o movimento neogramático e para a teoria saussuriana. Podemos dizer que ele também fez algo maior com esses fundamentos que inspiraram as duas teorias que ficaram famosas: ele enterrou o naturalismo e sua pretensão de relacionar a língua com a biologia (vimos com Foucault (2007) o quanto as ciências naturais estavam empenhadas em levar os estudos da linguagem para o seu lado). Whitney não recebeu a fama que merecia, mas possibilitou que duas escolas essenciais para a revolução da linguagem fossem constituídas: os neogramáticos e o estruturalismo de Saussure. Alter (2005) ainda lembra a grande contribuição que Whitney trouxe para a pesquisa sociolinguística tempos mais tardes.

Nosso olhar acerca desses fatos procuraram compreender os discursos que serviram de base para constituir novos caminhos para a linguística, uma vez que os discursos naturalistas trabalhavam para constituir cientificamente tal campo há algum tempo. A história agiu para beneficiar Saussure: Whitney fez o trabalho de enfrentamento contra o naturalismo e as ciências naturais. Quando Saussure chegou, as discussões sobre as ciências humanas e a desvinculação da língua na concepção como organismo vivo já haviam acontecido. Coube ao professor genebrino desenvolver as categorias definidas para dar conta do sistema abstrato de signos, como valor, imagem acústica, conceito, relações associativas, relação paradigmáticas e ocupar o lugar de fundador da ciência linguística. O contato direto com as ideias de Whitney estimulou o pensamento saussuriano, de modo que ele pudesse pensar a língua como um campo científico autônomo, rompendo definitivamente com a linguística naturalista de sua época.

⁴² “In D. Whitney’s work... appear the concepts of law, system, structure, which make him the creator of a static, descriptive linguistics, a stage in the Saussurian progress towards a synchronic linguistics’ (Chiss, Filliolet, and Maingueneau 1977:21).”

Referências

- ALTER, S. G. *William Dwight Whitney and the Science of Language*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2005.
- FERREIRA, E. G. de M. Aspectos sociais da linguagem nas ideias de William Dwight Whitney (1827-1894): notas historiográficas. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 17, p. e1733, 2023. DOI: 10.14393/DLv17a2023-33
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- KOERNER, E. F. K. *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Filadélfia: John Benjamins, 1989.
- KOERNER, E. F. K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.
- LYELL, C. *Geological Evidence of the Antiquity of man*. London: John Murray, Albemarle Street, 1863
- MILANI, S. E. *Humboldt, Whitney e Saussure: romantismo e cientificismo-simbolismo na história da Linguística*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- NERLICH, B. *Change in Language: Whitney, Bréal and Wegener*. London and New York: Routledge, 1990.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEVERO, C. G., & GÖRSKI, E.M. Revisitando Whitney: das dimensões social e política no estudo da linguagem. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 41, e43009, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43009>
- WHITNEY, D. W. *Language and the study of language, twelve lectures on the principles of linguistic science*. Nova York: Charles Scribner & Company, 1867.
- WHITNEY, D. W. *The life and growth of language: an outline of linguistic science*. Nova York: D. Appleton and Company, 1875.